



## **CAROLINA MARIA DE JESUS: UM OLHAR PARTICULAR SOBRE O MUNDO**

**Aparecida Darc de Souza\***

**Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE**

[aparecidadarcsoouza@hotmail.com](mailto:aparecidadarcsoouza@hotmail.com)

**Sara Munique Noal\*\***

**Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE**

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é abordar o ato de escrever como expressão contraditória do pensamento e da experiência de Carolina Maria de Jesus. A sua visão severa da pobreza, da fome, da indigência e do trabalho precário e informal tem recebido razoável atenção em muitos estudos de diversas áreas, fato que fez e faz de suas narrativas autobiográficas fontes para discussão e problematização da vida dos trabalhadores muito pobres na história do Brasil durante o período de 1940-1970. As suas narrativas abrem e abrem possibilidades para acessar importantes dimensões da vida e do trabalho em um universo histórico tão precário que representava o degrau mais baixo na estratificação social da época. Saber ler, escrever e elaborar narrativas do cotidiano tornou peculiar a presença de Carolina na história do Brasil, em especial na história social do trabalho. A literatura produzida por Carolina esteve interessada diretamente em expressar a sua visão de mundo, a sua visão sobre si mesma e de como gostaria de ser vista. Foi assim que ela traduziu o mundo dos trabalhadores de que fez parte. Por essa razão, cabe aprofundar o sentido autobiográfico de seus escritos em uma realidade marcada por amplo analfabetismo entre os trabalhadores que viviam em condições semelhantes àquelas vividas por Carolina Maria de Jesus.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; História; Trabalhadores; Carolina Maria de Jesus.

## **CAROLINA MARIA DE JESUS: A PARTICULAR VIEW ABOUT THE WORLD**

**ABSTRACT:** The objective of this article is to approach the act of writing as a contradictory expressional of thought and experience of Carolina Maria de Jesus. Her severe view of poverty, hunger, indigence, precarious and informal work has received reasonable attention in many studies in different areas, a fact that has made and make her autobiographical narratives sources for discussion questioning the lives of very poor workers in history of Brazil during the 1940-1970 period. Hers narratives opened and open

---

\* Professora Adjunta do Curso de Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon. Graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia (1994). Mestrado em História Social pela PUC-SP (1998). Doutorado em História Econômica pela USP (2009). Coordenadora do Laboratório de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais. Coordenadora do Pibid.

\*\* Doutoranda em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social do Trabalho

possibilites to access important dimensions of life and work in a historical universe so precarious that it represented the lowest step in the social stratification of the time. Knowing how to read, write and elaborate everyday narratives, made Carolina's presence in the history of Brazil, peculiar, especially in the social history of work. The literature produced by Carolina was directly interested in expressing her worldview, her view of herself and how she would like to be seen. That's how she translated the world of workers of which she was part. For this reason, it is necessary to deepen the autobiographical sense of his writings in a reality marked by widespread illiteracy among workers who lived in conditions similar to those experienced by Carolina Maria de Jesus.

**KEYWORDS:** Literature; History; Workers; Carolina Maria de Jesus.

Durante os anos de 1960 e 1961, Carolina Maria de Jesus viu-se cercada de fama e de prestígio com a publicação de seu livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Essa obra vendeu, já na primeira semana, mais de 10 mil cópias. Tamanho sucesso foi resultado de uma complexa articulação entre o conteúdo do livro e a sua autora. Carolina Maria de Jesus, mulher negra e mãe solteira, vivia na favela do Canindé da cidade de São Paulo, sobrevivendo da cata de papéis e cuja escolaridade não ultrapassava os dois primeiros anos do ensino primário. Tal condição tornava-a um caso raro no universo literário, atraindo a atenção de diferentes matizes em momentos históricos distintos.

Em um primeiro momento, com a publicação de seu primeiro livro, Carolina atraiu a volátil curiosidade da mídia. Foram incontáveis entrevistas a jornais, a rádios e a programas de televisão para falar de seu livro. Nessa fase, Carolina e seu livro conquistaram até mesmo alguns setores da academia. Ela foi agraciada com o diploma de membra honorária da Academia de Letras e Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, um reconhecimento simbólico do valor de sua narrativa para o entendimento da realidade social da população mais empobrecida do país. Todavia, após o grande sucesso do primeiro livro, a sua carreira como escritora não prosperou. Nesse primeiro momento, a sua audiência estava apoiada na excepcionalidade de sua escrita, que só era aceita porque apresentava transbordamento de uma realidade social narrada de dentro. Cumprida a tarefa de comunicar a realidade social em que viviam os mais pobres, Carolina foi paulatinamente esquecida pela mídia e ignorada pelas editoras.

Somente quarenta anos após a sua morte, as editoras voltaram a publicar seus livros. A partir de 2017, seu livro mais conhecido foi resgatado do esquecimento ao ser indicado como leitura obrigatória na lista do vestibular de importantes universidades brasileiras. De repente, o livro que só era encontrado em sebos rapidamente recebeu reedições para atender à demanda dos jovens vestibulandos. Sua narrativa passara a condição de importante peça literária da história do Brasil capaz de revelar os dilemas

enfrentados pela população pobre que vive nas favelas dos grandes centros. Entretanto, essa retomada da leitura de Carolina Maria de Jesus não foi uma iniciativa espontânea. Estava articulada ao movimento de defesa da cultura afro-brasileira que vinha conquistando cada vez mais espaço na sociedade brasileira, particularmente dentro dos currículos escolares e acadêmicos.

Embora esse tenha sido um traço importante no ressaltado interesse pela autora, há outros aspectos que podem e devem ser explorados para entender a presença de Carolina, encarada na condição de trabalhadora, negra e mãe solteira na sociedade brasileira dos anos 50 e 70 do século passado. É nesse contexto que a história biográfica tem lugar na estruturação deste texto.

Para Levi, a relação entre a História e a biografia é de ordem metodológica. Nesse sentido, a biografia constitui um “canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia” (LEVI, 1996, p.168). Desse modo, nosso esforço em enquadrar as obras de Carolina no gênero biográfico responde também aos horizontes metodológicos da pesquisa histórica que reconhece na biografia um testemunho, uma forma de expressão da memória. Para produzir as narrativas presentes em *Quarto de Despejo*, *Casa de Alvenaria*, *Diário de Bitita* e nos seus poemas e contos autobiográficos, Carolina se baseou naquilo que viu e viveu, pois a “[...] experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorrem todos os narradores” (BENJAMIN, 1987, p.198). Assim, para proceder a análise histórica de seus textos, iremos tomá-los como testemunhos, nos termos propostos por Bloch (2001.p.76).

Para Bloch, a memória, a experiência e a narrativa estão interligadas. Pensando nisso, podemos dizer que a experiência é aquilo que foi vivido por Carolina, as relações sociais que cultivou ao longo da vida, os valores morais a que foi submetida, tudo aquilo que constitui sua trajetória. A memória, por sua vez, é a lembrança dessas experiências, e a narrativa é a forma como essas memórias são elaboradas e contadas. Em outras palavras, é por meio da narrativa que a experiência, "acessada" no processo de lembrar, pode ser transmitida.

Esses apontamentos são importantes para compreender a construção dos textos autobiográficos de Carolina Maria de Jesus que são, ao mesmo tempo, memória pessoal e testemunho histórico, à medida que expressam os elementos de uma vivência compartilhada no tempo, portanto histórica. Nesse sentido, a memória individual é

também expressão singular da memória coletiva, cujo sentido e significado se definem pelo lugar social do indivíduo. O que queremos sublinhar é que, se buscamos analisar o passado a partir de um ponto de vista particular, qual seja, a partir do olhar de Carolina, precisamos conhecê-la para entender os horizontes e os limites de sua leitura sobre o mundo que a rodeava. Trata-se de identificar e entender, não apenas o contexto social, econômico e político, mas também os valores e as referências morais que orientaram a forma como Carolina narrou sua vida e a vida de outros trabalhadores. Em síntese, o que este artigo busca é entender como o lugar social e a trajetória de vida de Carolina influenciaram os seus textos e a sua percepção sobre a vida de homens e mulheres pobres no Brasil das décadas 1940 a 1970.

Perseguir esse objetivo de compreender, em uma perspectiva histórica, o lugar particular a partir do qual Carolina elaborava sua visão de mundo, é uma tarefa arriscada, pois não é possível saber com precisão os momentos exatos em que seus textos foram produzidos. Não obstante, esse é um elemento em si mesmo bastante revelador da condição social de Carolina e de seus pares, que mediam o tempo a partir de suas experiências e não por datas. Nesse sentido, os acontecimentos eram marcados conforme sua proximidade de momentos comemorativos da vida cotidiana como nascimentos, batizados, falecimentos ou mesmo casamento de alguém. A própria Carolina não sabia com exatidão a data de seu nascimento que, segundo sua mãe, ocorrera seis anos antes do falecimento de seu avô (JESUS, 2014, p.123).

Além disso, é importante também considerar o objeto que Carolina queria comunicar, isto é, o que ela em diferentes momentos se esforçou para lembrar e assim compor sua narrativa de vida. Esse pode ser um caminho possível para recompor uma trajetória de vida e ao mesmo tempo realidades e experiências vividas e compartilhadas entre Carolina e outros de igual condição.

Em seus textos, a lembrança mais antiga de Carolina Maria de Jesus refere-se à sua infância, particularmente aos momentos de sua iniciação na educação formal, um processo que marcaria toda a sua trajetória. Carolina começou a frequentar a escola aos sete anos de idade, mais ou menos por volta de 1921, por determinação da patroa de sua mãe. Em suas memórias, Carolina explica: “Minha mãe era pobre. Dona Maria Leite insistiu com mamãe para enviar-me à escola” (JESUS, 2014, p.126). Tratava-se de uma instituição criada inicialmente como Liceu de Sacramento, em 1902, pelo médico Eurípedes Barsanulfo e que posteriormente passou a se chamar Colégio Allan Kardec

(BRETTAS, 2006). Orientada por uma pedagogia espírita, a escola oferecia educação aos pobres e aos órfãos de Sacramento e contava com a caridade de diversos membros da elite local, inclusive a patroa da mãe que, segundo Carolina, justificava sua atitude dizendo:

Eu sou francesa. Não tenho culpa da odisseia de vocês; mas eu sou muito rica, auxilio vocês porque tenho dó. Vamos alfabetizá-los para ver o que é que vocês nos revelam: se vão ser tipos sociáveis, e tendo conhecimento poderão desviar-se da delinquência e acatar a retidão (JESUS, 21014, p.126).

Carolina recebeu uma educação baseada em um conjunto de valores e referências da ideologia dominante da época. A educação oferecida à população pobre respondia desse ponto de vista a uma forma de enquadramento social dos trabalhadores cuja cultura era fortemente estigmatizada pelas elites. Afinal, não é novidade que, após a abolição da escravidão, o trabalhador brasileiro, em particular o negro, passou a ser desqualificado pelas elites nacionais como “preguiçoso”, “sexualmente promiscuo” e “violento” (CHALHOUB, 2001, p.80).

Por conseguinte, para alguns setores das classes dominantes urbanas brasileiras do início do século XX, a educação poderia ser um importante antídoto contra a indolência e a criminalidade. Apesar de não dizer com todas as palavras, Maria Leite apostou na educação como forma de afastar as crianças dessa “condição inata”, buscando “civilizá-los”, enquadrá-los dentro das expectativas de uma sociedade que precisava disciplinar o trabalhador, livre e pobre para o trabalho explorado. Desse ponto de vista, o que se observa é que em grande medida o conteúdo dessa educação reforçava a ideia de desigualdade, de hierarquia e de meritocracia. Em suas reflexões sobre a relação entre experiência e educação, Thompson, na década de 1960, alertava para esse tipo de sentido atribuído ao processo educativo das classes populares.

Contudo, ainda que problemática, essa forma de pensar fazia parte de um universo social e ideológico minoritário na primeira metade do século XX. A maior parte dos grupos dominantes, em Sacramento ou em qualquer outra parte do Brasil, não considerava sequer a possibilidade de oferecer educação aos trabalhadores, mesmo que tivesse uma função doutrinadora. O fato era que a maioria da população brasileira era analfabeta nesse período da história nacional. No início da República, os levantamentos feitos por Ribeiro, no então Distrito Federal, indicam que, em 1889, apenas 12% da

população em idade escolar se encontrava matriculada em escolas. Embora a Constituição de 1891 previsse a “universalização da escola pública, laica e gratuita” (SANTANA, 2001, p.5), em termos concretos, as políticas públicas não conseguiram ampliar o acesso das classes populares à educação. Esse quadro se deve, em grande parte, à dificuldade dos governos em criar a infraestrutura necessária à promoção da escola pública. Segundo Ribeiro, o modelo político-econômico (agrícola-comercial exportador) caracterizado pela grande concentração de renda inviabilizava a expansão dos sistemas educacionais em todo o país, produzindo a “marginalização de boa parte da população brasileira” (RIBEIRO, 1992, p.78)

O censo realizado em 1920 mostra que, naquele momento, 71,2% da população era analfabeta, sendo que, em Minas Gerais, 75,4% da população com cinco anos ou mais era analfabeta (KREIDLOW, 2004). Entre 1890 e 1920, em termos percentuais, o número de analfabetos caiu de 85% para 75%. No entanto, nesse mesmo intervalo, o número absoluto de analfabetos cresceu de 12 para 23 milhões, devido ao crescimento demográfico (RIBEIRO, 1992, p.74). Nas décadas seguintes, o processo educacional brasileiro evoluiu lentamente, pois, ainda na década de 1960, a taxa média de escolaridade da população brasileira era apenas de dois anos.

Todo esse quadro é um indicativo da singular condição experimentada por Carolina. Essa situação ganha contornos mais inusitados se considerarmos que ela era uma menina, pobre e negra. Em outra situação, muito provavelmente ela nunca teria pisado em uma sala de aula. Sua mãe que ganhava a vida ora como lavadeira, ora como sítante; nunca tinha cogitado a possibilidade de enviá-la para a escola. O fez por ordem da patroa, e não porque achou que seria útil à sua filha frequentar uma escola e aprender a ler e escrever. Em suas memórias, Carolina traduz essa relação de subalternidade da mãe, que dizia: “os negros devem obedecer aos brancos, isto quando os brancos têm sabedoria. Por isso, ela devia enviar-me à escola, para não desgostar a dona Maria Leite” (JESUS, 2014a, p.126). Enviar Carolina para a escola foi mais um ato de obediência à patroa do que uma vontade ou necessidade da mãe, mas, tão logo sua mãe rompeu os laços com a patroa, decidiu arrendar uma terra e mudou-se para roça com toda a família; Carolina, inclusive, deixou de frequentar a escola antes de concluir o ciclo inicial. Esse episódio está atravessado por aspectos ambíguos, como se pode verificar na narrativa de Carolina: “Foi com pesar que deixei a escola. Chorei porque faltavam dois anos para receber meu diploma [...], mas o lugar apropriado para os pobres é na roça, lá a vida é

mais simples” (JESUS, 2014a, p.126). Havia um imperativo da sobrevivência nas ações da mãe de Carolina. Elas indicam que a educação não tinha sentido prático para os despossuídos que precisam emprestar toda a energia de seu corpo e da mente para a labuta diária em favor de sua sobrevivência mais elementar. Para aplacar o sentimento de injustiça e pacificar a sua relação com o passado e especialmente com sua mãe, Carolina toma emprestado do pensamento hegemônico a ideia de que entre os pobres havia uma natural inadequação para o exercício da atividade intelectual. Desse ponto de vista, a educação se traduzia socialmente como um privilégio que não cabia dentro da realidade do trabalhador.

Entretanto, a trajetória de Carolina mostra que ela não acreditava inteiramente nessa ideia, pois, ao longo de sua vida, recusou-se a permanecer no lugar que lhe havia sido reservado socialmente. Mesmo sem poder frequentar a escola, ela continuou lendo e escrevendo e 39 anos depois ela teve seu primeiro livro/diário publicado. No *Diário de Bitita* encontramos inúmeras passagens que evidenciam a leitura e a escrita como elementos permanentes e sua vida. Em uma delas, Carolina afirma que depois de deixar a escola continuou estudando por conta própria, “nas horas vagas, eu lia Henrique Dias, Luis Gama, o mártir da Independência, o nosso Tiradentes” (JESUS, 2104a, p.133).

Esse autodidatismo, porém, foi marcado por muitas dificuldades. Carolina engenhava formas de trabalhar e estudar ao mesmo tempo, adequando essas duas práticas aos diferentes lugares onde trabalhou. As bibliotecas das casas dos patrões eram usufruídas com ou sem seus consentimentos. Logo que chegava às casas de família, já tratava de saber onde podia ter livros, mas, se quisesse ter um tempo próprio para seus estudos, tinha que acordar de madrugada ou ir dormir muito tarde.

Essa engenharia era muito difícil de ser reproduzida rotineiramente. Os seus escritos, por exemplo, algumas vezes eram produzidos concomitantemente ao trabalho manual. Ao tentar dividir a atenção entre as panelas e os livros ou entre as panelas e os poemas que escrevia, acabava por se empolgar e esquecia completamente dos afazeres. Queimava o feijão ou esquecia-se de pôr o sal, o que geralmente acabava em demissão. Na prática, ao longo de sua vida, o trabalho manual, responsável por sua sobrevivência, quase sempre concorreu com o seu compromisso literário.

Desde sua adolescência até o momento em que passou a catar papel (1948), a principal função que exerceu Carolina foi a de empregada doméstica. Trabalhava em casas de famílias lavando, passando e cozinhando, assim como inúmeras mulheres

pobres, geralmente negras, daquele momento. O costume era residir nas casas de família, o que em termos práticos significava trabalhar durante todo o tempo e receber um salário muito baixo devido aos descontos justificados pela oferta da moradia. Carolina, no entanto, buscou explorar essa situação e onde podia fazia uso dos livros das bibliotecas dessas casas para aprimorar seus conhecimentos (MEIHY, 1994, p.68). Essa prática era frequentemente usada por Carolina, mas dois momentos merecem destaque, pois foram fundamentais para o aperfeiçoamento de sua escrita.

O primeiro caso é registrado ainda em Minas Gerais, quando percorria as cidades em busca de tratamento para as feridas nas pernas. Na cidade de Orlândia, Carolina trabalhou para o casal Mietta Santiago e J. Manso Pereira. Tom Farias aponta que esse era um dos casais mais importantes da região. Ele era um médico de família tradicional, do qual pouco se sabe, mas dona Mietta era uma feminista que lutou bravamente pelo direito ao voto das mulheres. Na época chegou a se candidatar a deputada federal, mas não foi eleita, mas, por causa dela, as mulheres passaram a ter direito a votar e a ser votada, depois que entrou com um mandato de segurança para forçar o governo a cumprir a constituição Federal de 1928 (FARIAS, 2017, p.87).

Foi nessa residência também que Carolina encontrou o Dicionário Prosódico, de Antônio José de Carvalho e João de Deus, encaixotado no quartinho em que dormia. O livro em questão é caracterizado por Farias como uma “joia rara”, visto que “além de mostrar uma ampla lista de unidades lexicais e seus respectivos significados, conta com o recurso de mostrar, entre parênteses a forma recomendada de pronunciar cada uma delas” (FARIAS, 2017, p.89). Assim, esse achado provavelmente tenha contribuído muito com o aperfeiçoamento da leitura e da escrita de Carolina na sua constituição como escritora e poetisa.

O segundo momento ocorre entre meados de 1942 e 1944, quando Carolina já havia retornado para a cidade de São Paulo. Tom Farias aponta que Carolina trabalhou na residência do Dr. Euclides de Jesus Zerbini, o qual, em 1968, se tornou o primeiro cardiologista a realizar um transplante de coração bem-sucedido na América Latina e o quinto no mundo. Segundo Farias, Carolina e o Dr. Zerbini mantinham uma boa relação, o que lhe garantia total acesso à biblioteca da casa, além de poder ler e debater as notícias diárias com o médico (FARIAS, 2017, p.14-141). Mesmo assim, Carolina não seguiu trabalhando nessa casa, um indício de que as relações não eram assim tão amistosas no espaço de trabalho. Em 1942, Carolina concedeu uma longa entrevista para o jornal A

*Noite*, em que revela sua indisposição para o trabalho de doméstica: “quero um emprego, por exemplo numa casa editora, onde eu pudesse escrever, escrever e só escrever [...] Já sei que as patroas não gostam de cozinheiras que saibam fazer versos como eu. Talvez haja nisso um pouco de inveja (FARIAS, 2017, p.137).

A regra era de que, na maioria dos lugares onde trabalhou, o costume de ler e escrever causava conflitos entre Carolina e seus patrões. Segundo Farias (2017, p.143) em uma entrevista que deu ao Jornal *A Noite*, Carolina denunciou suas refregas. Dizia ela: “se o patrão me despedia eu deixava um verso escrito na parede para exasperar as patroas.”

Esses enfrentamentos denunciam o caráter contraditório da formação intelectual de Carolina. De um lado havia a experiência concreta do conflito social imposto pela natureza das relações sociais em que se encontrava. Como trabalhadora, ela se via como mulher explorada e oprimida pelas relações de classe. De outro lado, havia o pensamento das classes dominantes que ajudaram a moldar sua formação intelectual, desde a escola espírita que frequentou em Sacramento até as casas de família onde trabalhou como lavadeira ou empregada doméstica.

Em grande medida, essa influência do pensamento hegemônico estava presente também nos livros que Carolina lia. Em suas citações e referências literárias, Carolina nos oferece pistas para entender as influências da educação que recebeu e de como isso influenciou a sua formação autodidata e a forma como interpretava e lia o mundo ao seu redor. Entre os autores citados por ela, destacam-se os pensadores e os literatos abolicionistas como José do Patrocínio, Rui Barbosa, o romancista Bernardo Guimarães que escreveu *Escrava Isaura* (1875) e o poeta Castro Alves.

O pensamento desses autores influenciou significativamente a forma como Carolina avaliava e compreendia os modos de vida das classes populares, especialmente dos negros. Isso, associado às circunstâncias nas quais ela foi alfabetizada, contribuiu para moldar parte de sua visão sobre a sociedade e sobre o valor social da educação.

Nesse sentido, é recorrente em seus textos uma valorização da educação e, portanto, da cultura erudita em detrimento da cultura popular. Em seu esforço para realçar a importância da educação na vida da população pobre e negra, Carolina acabava em muitos momentos reproduzindo preconceitos. Um exemplo disso pode ser percebido em um trecho de sua obra em que ela cita Rui Barbosa para sublinhar o papel da educação na vida da população afrodescendente:

Rui falava que a liberdade sem cultura e sem instrução não ia beneficiá-los (*aos escravos*). O negro inculto será nômade, indolente e imiscível. Não será um braço para impulsionar a nação. Será sempre uma boca. O analfabeto não tem forças para evoluir na vida. Ele será sempre um músico de ouvido. (JESUS, 2014a, p.39).

Nessa breve referência, Carolina reproduz um discurso preconceituoso com relação à cultura da população negra do Brasil. Mais uma vez, a ideia de que o negro era insociável por natureza fica evidente, difundida por meio dos intelectuais e da elite da época e incorporada pelos trabalhadores, visto a admiração que Carolina demonstra por Rui Barbosa. Mesmo quando Carolina buscava reconhecer as qualidades dos negros, ela acabava por recorrer aos padrões estabelecidos pelas elites. Talvez o exemplo mais marcante dessa contradição seja a forma como ela descreve seu avô.

Segundo Carolina, seu avô Benedito era um homem muito respeitado em Sacramento, nunca teve desentendimentos com ninguém, nunca havia sido preso – quase uma raridade entre os negros nas primeiras décadas do século XX. O avô era analfabeto, mas sempre foi tido como um homem muito bom e correto: “Elogiavam-no. Ele nunca brigou com alguém. Nunca foi preso. Era conhecido como um Sócrates Africano” (JESUS, 2017, p.117).

Em outras palavras, o avô era um homem bom porque não expressava em seu comportamento a tendência natural à violência que o pensamento dominante associava à população pobre e principalmente aos de cor. Ele era importante porque se parecia com um grande filósofo branco, pensando o mundo a partir de outras referências. Em certo sentido, Carolina reproduzia em seus escritos a percepção de que cultura era um privilégio dos ricos. Essas ideias não eram suas, mas aprendidas na escola.

Tudo isso se apresentava contraditoriamente em sua experiência. Em parte, porque em seus textos encontra-se a reivindicação ao direito à educação como espaço de formação intelectual. Carolina compreendia o poder e o valor que a educação tinha na vida de pessoas como ela. Não se tratava somente de ascensão social, mas de emancipação humana (FREIRE, 1986). Em um trecho em que ela descreve a situação de um familiar podemos perceber claramente esse sentido: "Eu olhava o rosto do meu tio Joaquim. Um rosto triste como uma noite sem lua. Ele não sorria, nunca vi seus dentes. Ele era analfabeto. Se soubesse ler, poderia nos revelar as suas qualidades intelectuais" (JESUS, 2014a, p.68).

Todavia, o domínio da leitura e da escrita representou para Carolina um sistemático isolamento social. As memórias registradas nos diários e as descrições encontradas nos estudos biográficos sobre Carolina indicam que ela padeceu de uma solidão crônica ao longo de sua vida. Desde cedo, quando expressou seu gosto pela leitura, Carolina experimentou certo tipo de isolamento social que se desdobrava também em solidão dentro de sua classe social. Afinal, ela partilhava a crítica feita pela burguesia aos costumes considerados desregrados dos trabalhadores. Isso a deixava num veio estreito, no qual era difícil equilibrar seus sentimentos e sua visão do mundo onde vivia, onde imaginava estar vivendo e que gostaria de viver. Em alguma medida, essa condição social e histórica específica condicionou-lhe o pensamento e a vontade de expressá-lo. Contudo, o que chamou a atenção esteve na forma de expressar as ideias e os afetos que julgava importantes e merecedores de audiência. A escrita não fazia parte do universo social e cultural de Carolina e, nesse exato ponto, ela se mostrou diferente ao saber ler e escrever com uma desenvoltura estranha aos trabalhadores iguais a ela. Essa particularidade pode ser entendida com um traço peculiar de sua formação, de desejos constituídos ao longo de uma trajetória singular, historicamente singular.

As palavras precisavam de vazão, fosse na poesia ou nos diários; Carolina precisava expressar por meio das palavras seus sentimentos, seus pensamentos, suas impressões, suas verdades. Essa questão é tão complexa em sua vida que em pelo menos dois momentos, primeiro em *Quarto de Despejo* e depois em *Diário de Bitita*, Carolina busca justificar essa permanência dos seus estudos de forma independente como se ela fosse condenada a isso: “Tenho que descarregar a cabeça de toda inspiração que me atormenta dia e noite” (FARIAS, 2017, p.137). Há quem diga que sua veia artística fora herdada do pai, que era músico popular. Outros apontam que sua verve pela narrativa foi resultado da influência de seu avô, Benedito José da Silva, ex-escravo e contador de histórias:

No mês de agosto, quando as noites eram mais quentes, nos agrupávamos ao redor do vovô para ouvi-lo contar os horrores da escravidão. Falava dos Palmares, o famoso quilombo onde os negros procuravam refúgio. O chefe era um negro corajoso de nome Zumbi. Que pretendia libertar os pretos. (JESUS, 2014a, p.60-61).

Todavia, essa percepção talvez tenha relação com sua experiência na escola espírita. Em sua memória permaneceu uma lembrança que contribuía para que Carolina visse em seu interesse pela literatura uma vocação. Ela lembra, quando ainda era criança,

devido às suas fortes dores de cabeça, que sua mãe a levou para uma consulta com seu Eurípedes Barsanufu, o médico espírita que fundara a escola em que Carolina estudou por dois anos. Nessa oportunidade, lembra Carolina, o médico dissera à sua mãe que ela era poetisa. Imagine o peso e a força que essa afirmação teve em sua vida, se considerarmos o que esse médico representava naquela comunidade.

Em seu processo de educar-se, seja na escola ou de forma independente, Carolina acabou por causar o estranhamento pelo seu comportamento. Se, por um lado, ela chamou a atenção de um médico e professores, por outro, seu interesse pela leitura e pela escrita causava desconforto em seu meio social. Desde pequena seus hábitos incomodavam os vizinhos:

As vizinhas me olhavam e diziam  
– Que negrinha feia! Além de feia antipática. Se ela fosse minha filha eu matava (JESUS, 2014a, p.18).

O esforço de sua mãe em justificar seu comportamento, que a todos parecia demasiadamente exótico, parece ter sido em vão. As pressões do grupo de sociabilidade de Carolina foram aos poucos se impondo, até que sua própria mãe solicitou: "É melhor você parar de ler esses livros, já estão falando que é o livro de São Cipriano, que você é feiticeira" (JESUS, 2014a, p.180). O resultado dessa história foi dramático. Carolina, a essa altura com 20 anos de idade, foi presa junto com sua mãe, porque alguns moradores de Sacramento denunciaram-na à polícia por prática de feitiçaria. No livro *Diário de Bitita* ela recupera o episódio que resultou em sua prisão em Sacramento - MG:

Um dia estava lendo, passaram uns rapazes, pararam e pediram para ver o meu dicionário, entreguei o livro para eles olharem. Olharam e disseram:  
- Ah, é mesmo o livro de São Cipriano. Como é pesado. Percebi que eles eram pernósticos e fiquei com dó (JESUS, 2014a, p.181).

Há outras passagens como essa, principalmente em *Quarto de Despejo*, que expressam a convicção de Carolina em se ver diferente de seus pares sociais e econômicos. O ponto que sublinhava tinha por função ilustrar a ignorância de pessoas pobres como ela ante à sua cultura escolar. Geralmente ela tendia a explicar diversos tipos de discriminação que sofria como resultado de uma incompreensão incorrigível de outros sobre o que fazia lendo e escrevendo tanto. Também decorre disso uma dificuldade em se comunicar com pessoas que como ela eram pobres. Embora pertencessem ao mesmo

estrato social, não falavam a mesma língua, não compartilhavam perspectivas e valores em comum. Esses conflitos somados a outros fatores de ordem material contribuíram para que Carolina buscasse em São Paulo uma realidade diferente daquela que vivia no interior de Minas Gerais. Entretanto, a promessa de uma vida melhor em São Paulo não se realizou.

A pobreza e a exploração continuaram a fazer parte de sua vida, fosse como lavadeira, empregada doméstica ou como catadora, trabalhos que ela realizou para sobreviver materialmente na grande capital. Os conflitos com seus pares parecem ter permanecido também. Nos relatos de *Quarto de Despejo* ela narra diversas brigas que teve com suas vizinhas na favela. Ela não se identificava socialmente com o lugar e continuava a sentir-se só e incompreendida como em Sacramento - MG, cercada por *pernósticos*. Conforme Carolina aprofundava em seus estudos, lendo sobre História e Literatura e aperfeiçoava a sua escrita com o auxílio de dicionários, a perspectiva de que ela podia “enxergar mais longe” que os demais trabalhadores também se acentuava.

O que eu não acatava eram as vaidades inúteis. Elas trabalhavam exclusivamente para comprar roupas. Podiam trabalhar para comprar um terreno e construir uma casinha, que é a coisa mais importante da vida. Eu passava os dias lendo *Os Lusíadas*, de Camões, com o auxílio do dicionário. Eu ia intelectualizando-me, compreendendo que uma pessoa ilustrada sabe suportar os amarumes da vida (JESUS, 2014b, p.179).

Em suas descrições sobre sua vida, Carolina desenha um autorretrato que explicita as contradições que vivia: sua instrução era ao mesmo tempo um predicado e um estigma. Seus hábitos, somados algumas de suas atitudes, geraram conflitos entre Carolina e outros moradores da favela do Canindé. Afinal, ela escrevia constantemente e escrevia sobre o cotidiano da favela. Mais do que isso, as motivações alegadas por Carolina também eram motivo de preocupação. Em 21 de julho de 1955, relata que, após ser indagada sobre o que escrevia, ela responde: “todas as lambanças que faz os favelados, estes projetos de gente humana” (JESUS, 2014b, p.23).

Assim, além de “dominar” uma linguagem estranha a maioria dos moradores do Canindé, Carolina a utilizava para “denunciar” o que aquelas pessoas faziam em seu espaço de moradia. As “lambanças” que ela menciona diziam respeito às constantes brigas, ao uso frequente do palavrão, aos roubos, aos atos “pornográficos”, enfim, a tudo que incomodava Carolina com relação ao ambiente da favela.

Obviamente sua postura e suas iniciativas lhe renderam muitos desafetos dentro da favela. É certo que Carolina tinha algumas amigas na favela, mas o sentimento que predominava era o de solidão. A grande maioria dos favelados não gostava nem dela nem dos seus filhos. E isso se agravou depois que ela começou a publicar alguns de seus escritos. Quando ela publicou a reportagem sobre o seu diário no jornal *O Cruzeiro*, em 10 de junho de 1959, recebeu várias ameaças, tanto dos homens quanto das mulheres. Carolina narra que Lalau, um morador da favela, afirmou: “Se você me por no jornal eu te quebro toda, vagabunda! Esta negra precisa sair daqui da favela” (JESUS, 2014b, p.174).

Depois do lançamento oficial do livro, a situação piorou ainda mais. No dia em que se mudou da favela, saiu apedrejada pelos vizinhos. Carolina sabia que havia reforçado a distância que a separava de todos aqueles que não sabiam ler. Em seus relatos, ela revela seu desejo em demonstrar como era diferente das outras pessoas que viviam na favela: "Mesmo elas aborrecendo-me eu escrevo. Sei dominar os meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter" (JESUS, 2014b, p.16).

As atitudes de Carolina alimentavam a desconfiança dos moradores da favela. Para eles, Carolina era mais um que falaria mal da favela e, por consequência, deles mesmos. Era dessa maneira moralista e detratória que a favela era retratada na mídia. Quando a favela aparecia no jornal, geralmente era para mostrar crimes, violência, precariedade das condições de vida. De certo modo, a narrativa de Carolina, ao denunciar as péssimas condições de vida e as injustiças, acabava por desqualificar o modo de vida daqueles que viviam na favela. Isso explica, em parte, os enfrentamentos com as mulheres da favela narrados no livro *Quarto de despejo*:

Quando as mulheres fera invade o meu barraco, os meus filhos lhes joga pedras. Elas diz:

- Que crianças mal iducadas!

Eu digo:

- Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos (JESUS, 2014b, p.20).

A linguagem de Carolina denuncia, ao mesmo tempo, sua visão preconceituosa em relação àquelas mulheres que julgava serem irracionais e ignorantes. No mesmo dia

ela ainda escreve: “As rascoas da favela estão vendo eu escrever e sabe que é contra elas” (JESUS, 2014b, p.21). A forma como Carolina descrevia o cotidiano da favela não era compreendida pelos seus pares. Um exemplo desta incompreensão pode ser observada neste trecho em que Carolina relembra a reação de uma vizinha aos seus escritos:

...Eu estava escrevendo. Ela perguntou-me:  
- Dona Carolina, eu estou neste livro? Deixa eu ver!  
- Não. Quem vai ler isto é o senhor Audálio Dantas, que vai publicá-lo.  
- E porque é que eu estou nisso?  
- Você está aqui por que naquele dia que o Armim brigou com você e começou a bater-te, você saiu correndo nua para a rua.  
Ela não gostou e disse-me:  
- O que é que a senhora ganha com isto? (JESUS, 2014b, p.143)

Para sua vizinha, Carolina se apropriava de uma história pessoal e intransferível. Ela não tinha esse direito! Carolina, porém, entendia que ela precisava relatar o cotidiano da favela, não apenas a fome, as duras condições de vida e moradia, mas tudo o mais que se desdobrava da miséria: a ignorância, o alcoolismo, a violência (especialmente contra a mulher), a degradação moral etc. Havia também grande carga de ressentimento que Carolina sentia com relação aos seus vizinhos, contra quem realizava pequenas vinganças. Verdadeiro ou não, deixar claro que incluiria o nome de uma vizinha no livro porque ela “saiu correndo nua para rua” representava tornar seu livro uma arma abater seus desafetos e subverter as humilhações constantes. Sua narrativa assumia essa complexidade toda vez que evocava a moral e os bons costumes para julgar seus vizinhos na favela.

Isso se deve em grande medida ao processo de formação intelectual de Carolina. Sua forma de pensar a realidade foi muito influenciada por um olhar moralista sobre as diferenças sociais. Nesse sentido, a educação representou para Carolina algo muito parecido com o que a educação no século XVIII representava para as classes populares. Segundo Thompson, a educação “se apresentava não apenas uma baliza na direção de um universo mental novo e mais amplo, mas também como uma baliza para longe, para fora do universo da experiência no qual se funda a sensibilidade” (THOMPSON, 2002, p.32).

Nas situações identificadas anteriormente, conseguimos vislumbrar como Carolina busca se distinguir dos demais moradores da favela. Nessa perspectiva, uma observação de Thompson acerca dos resultados do processo educacional pós-Revolução Francesa pode nos ajudar a compreender essa questão:

Os trabalhadores que, por seus próprios esforços, conseguiam penetrar na cultura letrada viam-se imediatamente no mesmo lugar de tensão, onde a educação trazia consigo o perigo da rejeição por parte de seus camaradas e a autodesconfiança. Essa tensão ainda permanece (THOMPSON, 2002, p.36).

Dentro desse contexto, faz todo o sentido a busca quase desesperada de Carolina por interlocutores e por uma audiência, algo que se materializava em suas visitas às rádios, aos jornais e às editoras, buscando conseguir um trabalho como radialista ou poetisa. Assim, nas palavras de Farias, Carolina trabalhava nas casas de família “com má vontade”, doida para dar sua hora para ir para perto dos artistas, no teatro, ou com seus ‘colegas’, nas redações dos jornais, que ela frequentava com muito mais frequência” (THOMPSON, 2002, p.36). Frequentemente ela levava alguns dos poemas que escrevia para tentar publicar, inclusive obtendo êxito algumas vezes, como no caso da entrevista do jornal *A Noite*, anteriormente citada, um poema em homenagem a Getúlio Vargas, publicado no jornal *O Defensor*, em 1950, entre outros (FERNANDEZ, 2015, p.20-21).

Apesar de todos os seus esforços (FERNANDEZ, 2015, P.14)<sup>1</sup>, Carolina não conseguiu interlocução. Ao contrário, encontrou um profundo desprezo pelo seu trabalho. Os fatores que concorriam para tal indiferença e até mesmo desinteresse era por vezes reconhecido por Carolina. Sobre uma de suas visitas à redação do jornal *O Dia*, ela contou:

Quando eu escrevia versos ia na redação para ouvir a opinião do senhor Francisco Sá. Uma noite entrei na redação e disse: o senhor quer ouvir os últimos versos que escrevi? O Senhor Francisco Sá coçou a cabeça e disse-me: Oh, meu Deus! Por que é que não nasci surdo?!(FARIAS, 2017, p.142)

Mesmo depois de ter conseguido publicar seu primeiro livro, não havia, no meio literário, um apreço pelo seu trabalho. Ocorre que inicialmente essa experiência foi muito contraditória. O lançamento de *Quarto de Despejo* foi um sucesso estrondoso, o que permitiu uma sensível melhora em sua condição de vida. Ela e os filhos saíram da favela

---

<sup>1</sup> Segundo Fernandez, “Um ponto que merece destaque é a estrutura de quase todos os versos do seu poema, com sete sílabas poéticas – redondilha maior – o que remete à forma da poesia antiga, que usava esse modelo de versificação. Para esta análise, esse modo de escrever pode ser considerado a evidência de que Carolina de Jesus pretendia, de algum modo, sofisticar o seu texto, alinhando-o a um gênero textual consagrado” (FERNANDEZ, 2015, p. 14).

e se mudaram para uma casa própria em Santana, em um bairro de classe média da cidade de São Paulo.

As críticas por parte de espectadores e intelectuais muitas vezes eram duras e depreciadoras das obras de Carolina. Um exemplo disso aconteceu após a tentativa de lançamento de seu disco, também intitulado *Quarto de Despejo*, quando um crítico anônimo, que assinava “Spectador”, fez duras críticas a respeito do episódio. Em uma coluna na revista *Mundo Ilustrado*, ele apontou que “Quem viu na televisão, afogada em babados e pedrarias (linha couve-flor), esganiçando-se indiferente ao acompanhamento da orquestra, há de ter sentido profunda pena da pobre Carolina” (FARIAS, 2017, p.316).

Esse tipo de crítica perseguiu Carolina até após a sua morte, como as feitas por Wilson Martins em 1993, no artigo “Mistificação Literária”, no qual ele afirmava que as obras de Carolina, na verdade, não eram de sua autoria, mas de Audálio Dantas. Segundo Fernandez, uma editora alemã também se recusou a editar e publicar o livro *Diário de Bitita* por alegar “falsa autoria” (FERNANDEZ, 2015, p.88).

Sobre Carolina caia mais uma vez o manto da desconfiança. Se o sucesso do livro *Quarto de despejo* foi capaz de aplacar as primeiras críticas, o mesmo não pode se dizer das outras iniciativas literárias de Carolina. Até mesmo Audálio Dantas, o jornalista que foi responsável pela publicação de seu primeiro livro, colocava em dúvida a sua capacidade literária. Ao que tudo indica, ele só se interessou pelo diário porque ele trazia uma narrativa realista crua sobre o dia a dia de Carolina como moradora da favela do Canindé. Tanto é verdade que, no prefácio da publicação de *Casa de Alvenaria*, o jornalista faz a seguinte declaração:

Agora você está na sala de visitas e continua a contribuir com este novo livro, com o qual você pode dar por encerrada a sua missão. Conserve aquela humildade, ou melhor, recupere aquela humildade que você perdeu um pouco – não por sua culpa – no deslumbramento das luzes da cidade. Guarde aquelas “poesias”, aqueles “contos” e aqueles “romances” que você escreveu. A verdade que você gritou é muito forte, mais forte que você imagina, Carolina, ex-favelada do Canindé, minha irmã lá e minha irmã aqui (JESUS, 1961, p.10).

O uso de aspas, quando ele fala dos contos, poesias e romances de Carolina, revela sua ressalva, como se não pudessem ser considerados, efetivamente, como parte desses gêneros literários. Ainda que seu primeiro livro tenha sido bem recepcionado no

mercado editorial, tudo indica a valorização de sua obra decorria mais de seu valor testemunhal e realista do que seu valor literário.

Diferente do primeiro livro, nem *Casa de Alvenaria*, nem os demais livros publicados posteriormente (*Provérbios (1963)*; *Pedaços da Fome (1963)*; *Diário de Bitita (1986)*), fizeram o mesmo sucesso. Assim, passada a euforia do primeira publicação, Carolina voltou a ficar só. Seus livros não encontravam espaço no mercado editorial, e no bairro onde morava ela e seus filhos eram hostilizados pelos vizinhos. Segundo Farias, os filhos eram “agredidos ou ofendidos, chamados de ‘favelados’ ou ‘comedores de lixo’”. As circunstâncias se agravaram tanto que ela chegou a procurar os jornais para pedir “paz aos vizinhos”. Segundo Fernandez,

Santana era um bairro de classe média baixa, onde ela e seus filhos sofreram uma série de preconceitos por serem negros e por carregarem o estigma da pobreza, de serem oriundos da favela. Não suportando as discriminações, Carolina de Jesus mudou-se para um sítio em Parelheiros, onde morou numa pequena casa com os filhos, sobrevivendo das colheitas de algum plantio e da criação de galinhas e porcos – além da venda de víveres na beira da estrada, que não deu certo por causa dos fiados –, e da “catação” de ferro, segundo ela conta na parte de seu diário “No sítio” FERNANDEZ, 2015, p.157).

A partir dessas considerações, podemos constatar que Carolina ficou em um “beco sem saída” quando se mudou da favela. Nesses espaços vivenciou a discriminação que sublinhou ainda mais a sua condição de inadequação. Era educada demais para viver na favela e não era boa o suficiente para viver num bairro de classe média. Além de ser negra e pobre, continuou carregando o estigma de ser “favelada”.

Apesar de tudo isso, Carolina parece, pela sua insistência em afirmar-se como escritora, não ter se conformado à condição de trabalhadora *manual* prescrita e prevista socialmente. Queria ser também uma artista, poetisa, escritora. A seu modo e dentro dos limites históricos de sua época, Carolina tomou sua história nas mãos e se traduziu também como escritora, mas o fez sem deixar de ser trabalhadora. Nesse sentido, a sua vida, transformada em obra literária, nos oferece um rico testemunho do mundo dos trabalhadores.

Carolina não mergulhou no universo literário do ponto de vista acadêmico, não sabia de teoria literária; porém, isso não retira a originalidade de sua obra, nem limita a sensibilidade com que a própria experiência é reanalisada e recontada. A sua trajetória a colocou em uma posição sempre muito difícil, porque, embora estivesse próxima e

compartilhasse da experiência vivida pelos trabalhadores, não conseguia se comunicar com eles, não conseguia ser aceita por eles e nem de aceitá-los também. De outro lado, igualmente não era aceita nos círculos intelectuais, não conseguia ascender-se socialmente. Não era considerada boa o bastante, era pobre demais, era preta demais, não correspondia ao estereótipo do intelectual e romancista.

Foi nesse lugar, ou melhor, a partir desse não lugar que Carolina produziu uma crônica da vida cotidiana, sob muitos aspectos, uma resposta, uma reação às situações de exploração, de opressão, de marginalização, de discriminação que marcaram a sua trajetória. Foi esse “não lugar” que lhe permitiu construir uma narrativa sobre a realidade social dos trabalhadores. Carolina tinha a proximidade concreta da classe, mas também a distância provocada pela reflexão intelectual para analisar e criticar a realidade vivida a partir de referenciais culturais das elites. É justamente por essa razão que a sua narrativa é tão rica, porque ela expressa o processo desigual, conflituoso e disputado da construção intelectual do trabalhador.

Além disso, nesse esforço de retomar a trajetória de Carolina, de recuperá-la não apenas como testemunho de determinada realidade, mas como sujeito dela, sua narrativa revela mais do que uma história da favela, da pobreza, sua literatura é, ela mesma, exemplo das contradições que caracterizam os modos de viver e de sentir dos trabalhadores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BLOCH, Marc L. B. **Apologia da História, ou, o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorde Zahar Ed, 200.

BRETTAS, Anderson C. F. **Eurípedes Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, 2006, 244f.

CHALHOUB, S. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque***. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. **Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus**. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. Campinas, 2015.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. São Paulo: Paz e Terra S. A, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. São Paulo: Sesi -SP Editora, 2014<sup>a</sup>.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014b.

KREIDLOW, Daniel; FERRARO, Alceu Ravanello. **Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais**. Revista Educação e Realidade, UFRGS, v. 29, n. 2, 2004.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. **Cinderela Negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1992.

SANTANA, Djanira Ribeiro. **Legislação e políticas públicas para a educação no Brasil**: o lugar da educação infantil neste contexto. Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer, Goiânia, vol.7, n. 12; 2011.

THOMPSON, E. P. **Os Românticos**. A Inglaterra na era revolucionária. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002.

**RECEBIDO EM: 03/06/2020**

**PARECER DADO EM: 15/10/2020**